



Angola atrai engenheiros portugueses



RUI DUARTE SILVA

O sector da energia figura entre os que maior número de oportunidades profissionais estão a gerar para engenheiros portugueses em Angola. A engenharia civil lidera

TEXTO CATIA MATEUS

Durante décadas, os ramos tradicionais da engenharia lideraram em Portugal as oportunidades de emprego geradas. O cenário é hoje distinto. Além das novas tecnologias estarem hoje um passo à frente das ditas áreas clássicas de especialização, áreas como engenharia civil estão a perder sucessivamente candidatos, a cada novo concurso de acesso ao ensino superior. Os dados mais recentes da Ordem dos Engenheiros apontam para que nos últimos três anos tenham saído de Portugal 4,3% dos engenheiros no ativo. Angola figura entre os principais destinos.

O que é que Angola tem para muitos engenheiros portugueses? Aquilo que Portugal, neste momento, não está a conseguir oferecer: emprego. Desde 2011, saíram de Portugal cerca de 2189 engenheiros (destes, 289 saíram já este ano) para exercer a sua atividade em destinos como Angola, Moçambique e Brasil. Fernando de Almeida Santos, presidente da Ordem dos Engenheiros – Região Norte (OERN) aponta Angola como o destino de 25% dos engenheiros portugueses emigrados. Para o responsável, a saída de profissionais para o estrangeiro não pode ser apenas encarada de forma linear. É necessário analisá-la em duas vertentes: a

que traz valor acrescentado aos profissionais e ao país e a que, pelo contrário, em nada beneficia uns ou outros. Para Fernando de Almeida Santos, preocupante é o facto de os estudantes portugueses se estarem sucessivamente a afastar da profissão, o que poderá conduzir, a breve prazo, a um défice de especialistas nesta área. “A questão da saída dos profissionais de engenharia do nosso país deve ser analisada segundo duas vertentes: os profissionais que saem já enquadrados numa empresa, seja portuguesa ou estrangeira, e que vão num contexto de internacionalização que é benéfico para a engenharia portuguesa – uma realidade que faz todo o sentido no contexto de globalização em que

vivemos e que valoriza os nossos profissionais e o seu conhecimento – e os engenheiros que percorrem precisamente o caminho inverso, e que vão muitas vezes contratados de forma individual sem o enquadramento de uma empresa e, portanto, fora do contexto de internacionalização”, explica o presidente da OERN, acrescentando que “esta opção não deixa de ser prestigiosa para o ensino da engenharia portuguesa, mas não traz valor acrescentado para Portugal, já que o país investiu na formação de um profissional e não tira proveito desse investimento”. Para contornar esta perda de “laços” com os engenheiros portugueses, a Ordem dos Engenheiros tem procurado estabelecer parcerias com

Expressoemprego.pt

ANUNCIAR / 21 454 43 43 (LISBOA) / 22 043 70 30 (PORTO) / emprego@expresso.pt



as suas congéneres nos principais países de destino, com quem tem estabelecido acordos bilaterais com vista à benéfica integração dos profissionais portugueses. Angola, enquanto principal destino da engenharia lusa, é disso um exemplo. José Dias, o bastonário da Ordem dos Engenheiros de Angola, que na passada semana esteve em Portugal a convite da OERN para uma palestra sobre as oportunidades de trabalho para engenheiros portugueses naquele país, confirma a atratividade de Angola aos olhos dos portugueses e as necessidades que o país tem de perfis especializados em diversos ramos da engenharia. “Neste momento, a Ordem dos Engenheiros de Angola tem registado de 611 engenheiros portugueses a trabalhar no país”, explica José Dias. O bastonário reconhece que o país tem carência de engenheiros em todas as áreas, mas que o maior défice é nas áreas relacionadas com o sector petrolífero, a construção civil e o sector das energias. “A área da engenharia civil é, sem dúvida, aquela que regista maior potencial no mercado angolano”, esclarece. Um cenário que contrasta com Portugal, onde as oportunidades de emprego têm decaído e o

da OERN reconhece que a Ordem nem sido confrontada com “uma diminuição do prestígio destes profissionais e, num sentido mais abrangente, da própria classe”. Esta é para Fernando de Almeida Santos uma das razões que tem conduzido à sucessiva diminuição da procura por parte dos candidatos. O líder não é, naturalmente, alheio à questão conjuntural, mas mostra-se reticente em atribuir-lhes responsabilidades nestes resultados. “Existe a questão da conjuntura económica e da diminuição da empregabilidade, mas não acredito que esta seja a grande justificação do problema. Se esta fosse a grande causa do decréscimo da procura, o mesmo aconteceria com a arquitetura e não se tem verificado”, enfatiza. À margem de quaisquer razões, Fernando de Almeida Santos, reconhece o potencial do mercado internacional e o valor que os engenheiros portugueses têm vindo a assumir de forma crescente em países como Moçambique, Brasil e algumas geografias do norte da Europa, como a Noruega ou a Alemanha, onde muitos engenheiros portugueses têm encontrado boas oportunidades de carreira. Angola é, como enfatiza, o destino mais aliciente. “É um misto de necessidade e oportunidade. Angola necessita de experiência e conhecimento para conjugar com a sua engenharia e, neste contexto, pela língua, pela afinidade e por fatores de mercado, Portugal – seja através das suas empresas ou de empresas angolanas – surge como uma forte oportunidade de crescimento e exercício profissional dos nossos engenheiros”, explica. O presidente da OERN enfatiza ainda o papel da engenharia portuguesa no contributo para o crescimento de Angola uma vez que “permite ao país ter a capacidade técnica para fazer face ao investimento necessário em infraestruturas”. São de resto estes os profissionais portugueses, hoje em missão internacional, que a breve prazo estarão de regresso ao mercado nacional. É que, para Fernando de Almeida Santos, “está enganado quem pensa que em Portugal está tudo feito”.

cmateus.externo@impresa.pt

“Nos próximos anos deverão surgir muitas oportunidades para engenheiros portugueses”

O bastonário da Ordem dos Engenheiros de Angola, José Dias, falou ao Expresso sobre as oportunidades que o seu país está a gerar para engenheiros portugueses.



Que sectores geram maiores oportunidades de carreira para os engenheiros portugueses em Angola?

Angola é, cada vez mais, um local de destino para os profissionais de engenharia. É um país em pleno desenvolvimento e ainda com capacidades formativas inferiores às suas necessidades de técnicos especialistas. Áreas como a engenharia civil, eletrotécnica, mecânica, de minas ou de telecomunicações são, sem dúvida, aquelas que neste momento mais oportunidades oferecem aos engenheiros portugueses e de cuja experiência os profissionais angolanos beneficiam muito.

Que condições salariais são oferecidas aos portugueses?

No caso de jovens licenciados, a média salarial ronda entre os 3 e os 3,5 mil dólares. Quando falamos em engenheiros com mais maturidade, já com alguns anos de experiência, os salários cifram-se entre os 5 e os 6 mil dólares.

Em que áreas da engenharia Angola ainda regista défice de profissionais?

As carências são em quase todas as áreas, mas, neste momento, a grande prioridade é colmatar o défice de profissionais de engenharia civil. Temos também uma grande falta de profissionais em áreas como engenharia mecânica e eletrotécnica. É importante compreender que Angola ainda está longe de conseguir formar os engenheiros de que necessita.

Quantos engenheiros forma o país por ano?

A Universidade Agostino Neto, por exemplo, forma por ano apenas cerca de 80 engenheiros das diversas áreas, e os nossos jovens tendem a escolher áreas de Humanidades. Por seu turno, a maioria dos cursos em Angola tem uma preponderância essencialmente teórica e, neste sentido, ganhamos muito com partilha de conhecimento com os profissionais portugueses. Têm sido uma clara mais-valia ao nível do desenvolvimento da prática da engenharia em Angola.

Quantos empregos podem ainda ser criados nesta área?

Não é fácil quantificar. O aumento de oportunidades corresponde à evolução do desenvolvimento do país. Nos próximos dez anos deverão surgir muitas outras oportunidades para os engenheiros portugueses, nas áreas das engenharias aeronáutica, biomédica ou bioquímica. Se, nesta fase, as nossas necessidades são essencialmente ao nível das infraestruturas, acreditamos que com o desenvolvimento se abrirão novas oportunidades e, além das engenharias mais clássicas, como civil, metalúrgica e de minas, ou eletrotécnica, se abram novas áreas de emprego, centradas na tecnologia e inovação.

A nova era de contratações para Angola poderá orientar-se para as áreas da tecnologia e inovação

número de possíveis candidatos a engenheiros civis também. Para Fernando de Almeida Santos, a relação entre ambas as parcelas desta equação não é assim tão linear: “Muito do que se tem verificado ao nível da diminuição de candidatos aos cursos de engenharia civil, deve-se à massificação dos cursos e à conseqüente banalização do termo engenheiro”. O presidente